



Os escultores Nicolas Vlavianos e Liuba Wolf, fotografados por Nauenberg

## Exposição mostra o rosto e a obra

Está em exibição na Galeria do Instituto Brasil-Estados Unidos, no Rio de Janeiro, a mostra "O Rosto e a Obra 1964", organizada pelo crítico de arte Marc Berkowitz e pelo fotógrafo Max Nauenberg.

A exposição coloca lado a lado os retratos fotográficos de 36 artistas da Guanabara e de São Paulo — feitos por Nauenberg — e os trabalhos mais recentes de cada um deles. É a segunda do gênero apresentada pelos dois organizadores, que já em 1961 conseguiram sucesso também com uma mostra de "O Rosto e a Obra", na mesma galeria, a qual foi mais tarde enviada para o exterior sob o patrocínio do Itamarati.

Desta vez, foram escolhidos artistas que não participaram da primeira exposição, segundo um critério de seleção que visa dar ao público carioca uma espécie de corte transversal da produção mais recente de um grupo importante de artistas.

Estão em "O Rosto e a Obra 1964":

■ Pintores: Yolanda Mohalyi, Aubery Beaulieu, Wesley Duke Lee, Hércules Barsotti, Danilo Di Prete, Manabu Mabe, Arcângelo Ianelli, Thomaz Ianelli, Carlos Sciar, Gastão Manoel Henrique, Rubem Valentim, Benjamin Silva, Sérgio Campos Mello, Ivan Freitas e Marília Gianetti Torres.

■ Escultores: Ruth Trobe, Nicolas Vlavianos, Liuba Wolf, Maurício Salgueiro e Eduardo Delhomme.

■ Desenhistas e gravadores: Fernando Lemos, Aldemir Martins, Italo Cencini, Darel Valença, Maciel Ba-

binski, Augusto Rodrigues, Dora Basilio, Tiziana Bonazzola, Newton Cavalcanti, Farnese Andrade, Walter Marques, Hermano José Guedes e José Assumpção de Souza.

Também figuram na exibição: Freda Bondi, com um mosaico; Norberto Nicola, com uma tapeçaria; e Willys de Castro, com um "objeto".

A mostra constitui o primeiro contato com o público carioca da pintora canadense Aubery Beaulieu, que na vida particular é Simone Beaulieu, esposa do Embaixador do Canadá em nosso País.

Artistas do Rio e de São Paulo estão presentes em proporções quase iguais, e é intenção dos organizadores da mostra incluir numa próxima vez os melhores artistas de outros Estados.

## 19 mineiros em São Paulo

Sob o patrocínio da Associação Mineira de Artistas Plásticos, foi realizada em São Paulo, na Galeria Atrium, uma exposição de pintura, gravura e desenho de 19 artistas mineiros. O Banco Nacional de Minas Gerais, colaborando com a mostra, imprimiu o convite da mesma, contendo informações sobre os artistas.

A exposição pretendia oferecer uma idéia geral sobre as artes plásticas em Minas Gerais, tendo sido bem acolhida pela crítica paulistana. A mostra apresentou obras dos seguintes artistas: Yara Tupynambá, Estêvão José de Souza, Inimá de Paula, Herculano Campos, Jarbas Juarez Antunes, Sara Ávila de Oliveira, Wilde Damaso Lacerda, Ildeu Moreira, Nely Frade, Vicente Abreu, Haroldo Mattos, Ione

## ARTE

Fonseca, Maria Helena Andrés, Mário Silesio, Petronio Bax, Celso Renato, Chanina Zchemberg, Alvaro Apocalypse e Nelo Nuno Rangel.

Os 19 artistas já participaram de diversas exposições coletivas em Belo Horizonte e em outras cidades do País e do exterior, sendo quase todos premiados em salões de arte.

## A Bahia é tema comum aos dois

A recente inauguração da Galeria de Arte do usis (United States Information Service) em Salvador, com uma exposição individual de Edelweiss, atraiu uma multidão poucas vezes vista na Bahia em mostras de pintura.

Discute-se muito a razão da popularidade de Edelweiss e, de modo geral, os críticos a atribuem ao seu talento e ao seu estilo pessoal muito autêntico.

Edelweiss nasceu em Feira de Santana, a 23 de agosto de 1917. Sua primeira exposição individual realizou-se na Galeria Ambiente, em São Paulo, em 1957. A seguir, expôs no Museu de Arte Moderna de Florianópolis; na galeria de *O Globo*, no Rio; e na Galeria Oxumaré, em Salvador. Em 1959, participou, no Rio, do Salão Nacional de Arte Moderna e, em São Paulo, da V Bienal de Arte Moderna.

A artista baiana — que se considera uma primitiva — começou a pintar aos 28 anos. O falecido desenhista Santa Rosa, que era seu amigo, estranhou aquela vocação que surgia de repente,



A baiana Edelweiss gosta de se definir como uma pintora primitiva





As figuras de Peixoto não têm rostos e suas igrejas não têm portas

mas estimulou-a a prosseguir. Achava êle que Edelweiss poderia encontrar na tela o espaço capaz de melhor conter sua personalidade artística, já revelada nos palcos e no cinema.

Como atriz, ela se destacou em *Vestido de Noiva*, quando integrou o elenco de *Os Comediantes*, e em *Peléas e Melisande*, com Dulcina. No cinema, trabalhou em *Sempre Resta uma Esperança*, de Nelson Schultz e João Martins; *Aves sem Ninho*, de Raul Roulien; *Argila*, de Humberto Mauro; e, mais recentemente, em *Muleque Tião*, de José Carlos Burle.

O tema predileto da pintora Edelweiss é a Bahia, com sua gente e seus santos. O crítico Napoleão Lopes Filho discorda daquela sua auto-definição como artista primitiva, dizendo que "então teríamos que procurar a vizinhança de Gauguin, Van Gogh e Chagall para êsse tipo de primitivismo. É uma questão de estilo. Ela vê liricamente o que vê com concisão. E as cores densas, as claras e as escuras, saem de sua mão como um acorde. Frias e quentes, espessas e diluídas, mas resultado de uma sabedoria pictórica que chegou à simplificação. Difícil catalogá-la, mas fácil sentir a leveza de sua arte e a profundidade de sua mensagem".

■ Outro artista baiano que fez da Bahia a constante dos seus temas é A. Peixoto. Expôs recentemente na Galeria Dearte, em São Paulo, 18 telas.

Anteriormente, êle se apresentou na Bahia, no Espírito Santo e em São Paulo (Associação Cristã de Moços e Instituto dos Arquitetos).

Radicado em São Paulo desde 1959, sobre êle escreveu a crítica Izar do Amaral Berlinck:

"O jovem pintor baiano define bem sua pintura de "simplista" e impressiona pela duplicidade de valores que se encontram na sua pintura, serena e mística. "Simplista", sim, quanto à forma, na sóbria síntese que consegue na composição, nas perspectivas cênicas e na pureza das cores, destas pinturas urbanas da Bahia".

## Voltou ao Brasil depois de 15 anos

A Petite Galerie do Rio de Janeiro apresentou, recentemente, uma exposição dos últimos trabalhos do pintor Arthur Kaufmann, que retornou ao Brasil após uma ausência de 15 anos. A mostra, que reúne óleos e pastéis, despertou o interesse da crítica, ansiosa por rever a arte de Kaufmann. O artista, nascido na Alemanha, reside atualmente nos Estados Unidos. Kaufmann já morou em nosso País, onde tem filhos, netos e bisnetos.

Conhecido pelos seus retratos, Kaufmann pintou numerosas personalidades a êle ligadas por laços de simpatia e amizade. Entre elas destacam-se Albert Einstein, Thomas Mann, George Gershwin, Arnold Schoenberg, Jankel Adler, Max Liebermann, Edward G. Robinson, Louise Rainer, Raoul Dufy, Fr. W. Foerster.

No entanto, o crítico Dore Ashton, do *The New York Times*, assim se expressou sobre êle: "Foi nas naturezas-mortas e nas paisagens que Kaufmann desenvolveu seu poderoso estilo, no qual a solidez estrutural dos cubistas se combinou com a espiritualidade do sentido pela cor".

Depois de seus estudos iniciais na Academia de Düsseldorf, Kaufmann — que nasceu em Mulheim, Ruhr, em 1889 — estudou pintura na Inglaterra, Bélgica, França e Itália. Como presidente de um grupo jovem e progressis-

ta, organizou a primeira exposição internacional de pintura depois da 1ª Guerra Mundial, reunindo em Düsseldorf obras de Picasso, Matisse, Chagall, Lazar Segall, Kandinski, Juan Gris, Raoul Dufy, George Grosz, Feininger, Paul Klee, Jankel Adler, Barlach, Nolde e outros.

Em 1933 Kaufmann deixou a Alemanha, indo trabalhar na Holanda. Em 1938 George Gershwin o ajudou a emigrar para os Estados Unidos. Logo depois, durante a guerra, veio para o Brasil. Em 1946 fez uma exposição de 85 quadros no Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, e também no Instituto dos Arquitetos de São Paulo e na Galeria Domus.

Kaufmann já expôs em diversos museus e galerias da Europa e dos EUA e possui obras em coleções públicas e particulares de diversos países.

Falando sobre sua mostra no Rio, o crítico Clarival do Prado Valladares declarou:

"O ambiente brasileiro dos noventa e quatro não foi insensível à sua presença. Êle mereceu do saudoso Rubem Navarra um belo texto de saudação e de interpretação. De sua pintura, de sua exposição no Ministério da Educação e de seu convívio, muitas sementes medraram. Silenciosamente, enriquecendo os caminhos de vários artistas de um País mais nôvo.

"Agora, Arthur Kaufmann nos visita e expõe na Petite Galerie. É muito importante, sobretudo para os que o recordam, verificar a coerência entre uma e outra data, e nisto está a sinceridade de sua mensagem."



A exposição de Kaufmann despertou grande interesse entre os críticos cariocas